

MEDIAÇÃO COMO VEÍCULO DE AMPLIAÇÃO DO OLHAR

Coordenador: LIGIA KETZER FAGUNDES

Mediação, como o próprio nome diz, propõe uma ação mediada, ou seja, algo que liga ou relaciona uma coisa à outra. No caso da exposição de arte, o mediador é aquele que promove o encontro entre o público e a obra, e em especial com a arte contemporânea. Mas por que o público precisa de um mediador? E por que em especial com a arte contemporânea? Bem, nem sempre a ação do mediador é necessária, e é seu papel também perceber o nível de apreciação estética e interação dos visitantes, desenvolvendo sua atuação à partir daí. Há inclusive casos em que sua participação seria inconveniente. Isso se dá para um público que, normalmente, já tem a arte incorporada ao seu universo. Assim, muitas vezes, este visitante prefere estar só com a obra e interagir com ela sem que haja nenhuma 'mediação'. É o seu momento de sentir a obra, aproximar-se dela tanto quanto possível, excluindo todo o resto. Neste momento, a intimidade com a obra é imprescindível, e seria um crime intervir. Entretanto, também este público está preparado para a presença do mediador, pois sabe que este poder lhe ser útil caso necessite. Isto porque, o mediador é aquela pessoa que além de estar presente, conhece um pouco mais sobre a vida e a produção do artista, que tem curiosidades para contar. Aquele que pode levar o visitante a descobrir novas relações com as obras e os demais objetos expostos no Museu. Ampliando não só o conhecimento sobre a obra e o artista, mas a possibilidade de fruição. Há ainda momentos em que sua atuação é imprescindível. Em sua interdisciplinariedade, o Museu recebe diferentes públicos de diferentes culturas e idades, comportando também pessoas que não tem a arte como componente do seu universo. Então, a mediação promove a apreensão de conteúdos conceituais e fatos em torno dos objetos expostos. Se, como nos diz a prof. Lúcia Gouvêa Pimentel ¹, o Museu representa pontes entre culturas, o mediador é aquele que propicia transpor esta ponte. Introduzindo o Museu como construtor do conhecimento, na medida em que permite novos olhares e vivências, a partir dos objetos que abriga. A construção do conhecimento ou educação deve ser vista, aqui, em seu aspecto global, que se reflete em todas as áreas, e não apenas no espaço específico da escola. Nos educamos pelo conjunto das relações sociais. Assim, as várias modalidades de experiência cultural têm grande poder formador. Explorar os aspectos artísticos e estéticos do conhecimento relaciona-se com o papel da arte na educação. Assim o mediador-educador, como o considera Ana Mae Barbosa², propicia uma educação estética que compreende as várias formas de leitura e fruição que possibilitam a

análise da arte, englobando a compreensão dos materiais utilizados, das propostas e das pesquisas dos artistas. Principalmente na arte contemporânea que tem uma perspectiva de arte formada na mente - arte conceitual. Neste campo, aproxima-se mais ainda da possibilidade de conceber a arte não só como um fazer, mas também como uma forma de pensar em e sobre arte. Entender o processo de criação/produção, ou seja, perceber seu desenvolvimento gráfico e plástico, qualifica a leitura que fazemos ao refletir sobre o que estamos olhando. Numa perspectiva de "ampliar o olhar", entra o papel do mediador em exposição de arte, sendo este o seu objetivo. O que dizer então numa exposição de arte contemporânea onde entra a clássica pergunta: Mas isso é arte? Perplexidade, estranhamento e às vezes também indignação, são freqüentes em exposições. Tem gente que sente arrepio só de ouvir falar em "instalação". A produção artística atual dá maior flexibilidade às fronteiras entre o que é e o que não é arte, desafiando ainda mais o seu público. E neste espaço o mediador é muitas vezes fundamental. A sensação de que tudo pode ser arte cria uma dificuldade enorme para o público. Sem parâmetros próprios, ele se sente perdido, não entende as "regras do jogo". Em meio ao embaraço, apela para padrões estéticos do passado. Como afirma o artista plástico Jailton Moreira: "As pessoas têm uma concepção renascentista de arte. Muitas não aceitam nem o cubismo... na medicina, querem ser século 21, mas na arte preferem ser século 16". A arte contemporânea tem um leque de componentes que podem ser tidos como 'constrangedores'. Transitando desde objetos que arbitrariamente passam a figurar como arte, às mais avançadas tecnologias, como a linguagem digital, coexistindo com materiais tradicionais como tinta, papel e grafite. O importante é perceber que "a arte sempre exigiu um entendimento sofisticado", de acordo com o crítico Agnaldo Farias. Que diz mais: "A arte de hoje tira o chão da gente. Propõe novas formas de se olhar as mesmas coisas. Daí o sentimento de aversão: algo que eu não compreendo é algo que afirma a minha impotência". Numa população que tem a televisão como maior fonte de 'informação', com mensagens dadas ou prontas, fica difícil entender arte. Acresça-se a isso a busca de lazer, no espaço de exposição, como a ida a um parque de diversões. "A necessidade de satisfação imediata é um vício da nossa sociedade. As pessoas visitam uma exposição de arte como se estivessem consumindo um produto", afirma o artista Ricardo Basbaum. Isto só se dá por uma lacuna na educação, ou como observa Icléia Cattani, professora do curso de pós-graduação em artes Visuais pela UFRGS, "as pessoas precisam ser alfabetizadas visualmente". Entretanto 'ninguém ensina a ver arte', como diz a crítica de arte Angélica Moraes. Assim, a 'educação' que o mediador pode propor se dá na aproximação de conteúdos que ajudem a perceber a arte. Ficando mais próximo da intenção do artista, já que uma obra é "a representação

material daquilo que se pensou", como afirma Paulo Funari, formando em Artes Visuais pela UFRGS. A arte contemporânea propõe novos critérios, cumprindo assim o papel da arte como objeto que está sempre à frente de seu tempo. Fazendo juz a idéia do artista como antena da humanidade. Acredito que o mediador em exposição de arte tem, nos dias de hoje, um papel essencial. Principalmente dentro de um contexto em que a arte está cada vez mais atrelada às novas tecnologias, e em que mega-exposições ocorrem à toda hora. Entretanto, foi na atuação direta em monitoria que me foi possível compreender suas reais atribuições, valor e necessidade. Principalmente quando, no Museu da UFRGS, recebemos escolas, deu para perceber o potencial formador e multiplicador de uma visita mediada. Muito do que escrevi teve por base reflexões que obtive no desenvolvimento do trabalho como mediadora. Fica claro o caráter educador da universidade ecoando na sociedade, alicerçando sua função social. Sem o auxílio do mediador o visitante pode, muitas vezes, sair da exposição sem sequer se aproximar de uma obra, muito menos de sua proposta. Pode-se perder, dessa forma, além do alcance, algo que poderia modificar a sua vida, ou pelo menos, sua forma de olhar para ela.